do objeto transicional à relação de objeto[1]

DANIELA SCHEINKMAN-CHATELARD

[1] Texto apresentado no Colóquio Internacional Lacan no Século. 2001 Odisséia Lacaniana. Rio de Janeiro, abril de 2001.

GOSTARIA, NESSA OCASIÃO do centenário de nascimento de Jacques Lacan, de refletir a relação da psicanálise com a pediatria e, mais particularmente, a relação mãe–bebê no que diz respeito à relação de objeto.

Na França, nos anos 1956-57, Jacques Lacan, em *O seminário – livro 4: A relação de objeto*[2], estudou os três níveis da falta de objeto na constituição do sujeito humano: a falta simbólica, sob a forma de castração de um objeto imaginário de que o sujeito foi privado; a falta imaginária, sob a forma de frustração de um objeto real; e a falta real, sob a forma de privação de um objeto simbólico. Já entre os anos de 1949 e 1951, na Inglaterra, Donald Winnicott escrevia os artigos O traumatismo do nascimento e suas angústias e Objeto transicional e fenômenos transicionais, elaborando um percurso de sua carreira que vai *Da pediatria à psicanálise*. Sabemos a importância dada por Lacan à descoberta do *objeto transicional* de Winnicott na elaboração e invenção do conceito do objeto *a*, o objeto causa de desejo, como podemos ver em *Comptes Rendus de l'Acte Psychanalytique*: esse objeto que recebemos das mãos da criança a partir do qual, diz Lacan, formulamos o objeto *a*.

[2] Lacan. *O seminário – livro 4: A relação de objeto (1956-1957)* (1995)

Partindo do texto inaugural de Freud Entwurf einer Psychologie [Projeto para uma psicologia científica], com o termo *das Ding*, e seguindo os passos da literatura psicanalítica de Freud a Lacan, deparamo-nos com uma ruptura, uma novidade trazida por esse último com a invenção do objeto *a*. Isto é, um objeto que não se apresenta em continuidade com o objeto freudiano, mas que surge no seio do pensamento psicanalítico operando um corte, uma ruptura quanto à natureza desse obscuro objeto do desejo. Podemos formulá-lo em diferentes categorias: objeto de satisfação primeira que se confunde com o objeto perdido; objeto do amor primordial que é a mãe; os diversos objetos da pulsão ditos parciais; objeto causa do desejo; objeto que é uma mulher para um homem; objeto a que se reduz o ser do sujeito; objeto em sua face de falta – o objeto que contorna o vazio, o furo pulsional; objeto que se encontra no limite, na fronteira entre demanda e desejo. Objeto, enfim, situado em um *topos*, um lugar, um espaço em relação ao sujeito.

O grande texto do pensamento freudiano, Projeto para uma psicologia científica, coloca no centro da *experiência de satis-*

fação [*Befriedigungserlebnis*] um personagem extremamente importante para o bebê, personagem responsável pela organização do desejo, o *Nebenmensch*. Sua tradução mais precisa do alemão seria *ao lado de* [*Nebem*] e *homem* ou *ser humano* [*Mensch*], ou seja, o ser humano que está ao lado. Freud é bem claro na edição alemã da Fischer Verlag, editada em novembro de 1999, na página 426, tópico 17 de *Das Erinnern und das urteilen*, Memória e juízo[3], ao situar o *Nebenmensch*, o *humano ao lado* a partir do qual o bebê extrai do corpo diversos objetos que poderão ser assimilados ao juízo. Nesse contexto, Freud afirma que o que chamamos coisas são os restos que se subtraem ao juízo. No *Nebenmensch*, há uma parte imaginária e outra real que não é assimilável. O que é assimilável do Outro fica como predicado do sujeito, havendo também uma parte que permanece opaca no *Nebenmensch*, o que se aproximaria da ordem do real. Freud chama de *força auxiliar* [*helfende Macht*], cuja tradução se aproximaria de uma primeira potência ou força, aquela que trouxe ao bebê a *primeira satisfação* (assim como o desprazer). O despertar do conhecimento é dado graças à percepção do outro, do alheio a partir do qual a criança pode reconhecer os traços visuais, os gestos, o movimento. Essa percepção pode ser associada à imagem e à forma do objeto que tornou possível essa primeira experiência. O *Nebenmensch*, por ser aquele humano que se situa *ao lado de*, desempenha papel fundamental no despertar perceptivo do bebê. O Projeto freudiano desenha, assim, o funcionamento do aparelho psíquico tendo por base o aparelho neurológico e demonstra de que maneira a criança, como *percipiens*, entra no mundo. Com a experiência da *ação específica*, o organismo é convocado a se inscrever no universo da linguagem. Essa experiência permite ao bebê passar do registro das puras necessidades ao registro da demanda. O bebê recebe o alimento, certo, mas também recebe a palavra; é a experiência que se inicia com o grito, com o descarregar da tensão, do desespero inicial. A mãe ocupa o lugar do Outro da linguagem, o Outro simbólico para a criança, esse Outro no Projeto do mundo externo; é uma ajuda que vem de fora e responde, como dizíamos, ao desespero inicial do sujeito [*Hilflösigkeit*].

[3] Podemos também utilizar o termo *julgamento* para a palavra alemã *Urteilen*.

A novidade trazida pela teoria de Winnicott é o conceito de objeto transicional, que comparece nas primeiras trocas entre o bebê e o Outro materno. Os objetos transicionais são decorrentes desses fenômenos ditos transicionais, de uma área intermediária entre o subjetivo e o que é percebido objetivamente, possibilitando gradualmente as primeiras trocas no nível simbólico entre o mundo subjetivo do bebê e as percepções objetivas ou externas. Uma das importâncias atribuídas aos objetos

transicionais são os diferentes destinos de transição que esse objeto pode tomar, e um deles tem a ver com os relacionamentos objetais: "o bebê coloca o punho na boca, em seguida o polegar e, depois, há uma mistura do uso do polegar ou dos dedos e de algum outro objeto que ele escolhe para manejar. Gradualmente há um uso de objetos que não fazem parte do bebê, mas tampouco fazem parte da mãe".[4] Qualquer objeto que conquiste um relacionamento com o bebê é criado por ele mesmo.

Essa maneira de significar o objeto transicional torna necessário o emprego da palavra *ilusão*: "a mãe está capacitando o bebê a ter ilusão de que objetos da realidade externa podem ser reais para ele"[5]. Winnicott parte da hipótese de que o bebê, com o objeto transicional, está sempre nesse estado, ou seja, "esse objeto faz parte da realidade externa e eu o criei"[6]. A isso Winnicott chama onipotência da primeira infância, onipotência que se estende a certos objetos e até a certas pessoas. Em outras palavras, o uso dos objetos e dos acontecimentos durante a fase de transição favorece a transição da criança de uma vida subjetiva ao estágio seguinte. O uso desse objeto transicional permite a formação de símbolos por meio de sua utilização. Assim, é o espaço que o bebê criou, e que não foi necessariamente o que a mãe forneceu, que vai permitir que ele tenha a ilusão de que foi ele quem criou os objetos externos. Mas isso não passa de uma ilusão, e ele vai ter mais tarde recursos próprios para lidar com a mudança dessa mãe que gradualmente decresce em sua capacidade de adaptação às suas necessidades. A ilusão deve surgir em primeiro lugar, e depois o bebê terá inúmeras possibilidades de aceitar e utilizar a desilusão. Ele vai, assim, aceitar as conseqüências da frustração. Vai, então, progressivamente, poder entrar em um processo de desilusão, uma vez que terá recebido de início, por meio dessa mesma mãe, as condições para que possa criar sua área de ilusão. Como ressalta Winnicott, "os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios de utilização da ilusão sem a qual o ser humano não atribui nenhum sentido à idéia de uma relação com um objeto percebido pelos outros como exterior a ele".[7]

É essa posição de estar criando o mundo que testemunha a gradual transformação da necessidade em desejo. Essa mãe que satisfaz as necessidades mais primitivas pelo cuidado físico assume, aos poucos, uma nova função. Ela deve ir ao encontro do momento criativo específico, e "saber disso através da sua capacidade de se identificar com o bebê". Essa passagem, esse espaço criado entre a necessidade e o desejo, Winnicott chama de *experiências e fenômenos transicionais*, e os objetos, de *objetos transicionais*: "Os fenômenos são as técnicas utilizadas nessas situações"[8]. A idéia de fenômenos

[4] Winnicott. O destino do objeto transicional (1971a/1994, p.44).

[5] Winnicott. O destino do objeto transicional (*op. cit.*, p.45).

[6] *Ibid.*, p.45.

[7] Winnicott. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1969, p.181).

[8] Winnicott. O valor da ilusão e os estados transicionais (1971b/1990, p.126).

e objetos transicionais para Winnicott está ligada à realidade psíquica pessoal a partir da qual o indivíduo cria, imagina ou concebe. Nesse sentido, o espaço potencial é o espaço de passagem e de realização, é o espaço também do sonho, da criação, a área da ilusão, e esse espaço é oferecido previamente pela mãe suficientemente boa. A partir do momento em que a criança utiliza o simbolismo, ela já sabe fazer claramente a distinção entre a fantasia e a realidade, entre os objetos interiores e os exteriores, entre a atividade criativa primária e a percepção, e tem ainda a capacidade de aceitar as diferenças e as semelhanças.

Todo esse processo de ilusão e, depois, de desilusão, assim como a capacidade de criar um simbolismo, diz respeito à maneira como a criança subjetivará as primeiras conseqüências da experiência de frustração, a esses intervalos de ausência e presença, enfim, de espera.

Lacan, por sua vez, ensina-nos que a castração está fundada na experiência perceptiva na operação de privação primordial. Entretanto, só a partir da experiência da castração como falta simbólica é que essa falta pode ser significada. No simbólico, há uma marcação que indica um lugar vazio. Seguindo essa orientação lacaniana, o objeto funciona como referente, é o lugar vazio da privação primordial, se lembrarmos o jogo da presença-ausência de Freud, o *fort-da*, operação por excelência de simbolização pelo significante e seu correlato – a constituição do objeto como radicalmente perdido. Ao passo que, para Winnicott, o sujeito constrói um *falso-self* para se proteger, a *regressão* e o *holding* analítico devem permitir que se reencontre o espaço do jogo e da criação em que, juntos, estão analista e paciente. O sujeito cria um *falso-self* que substitui um *self* primitivo.

Nesse espaço de *entre-dois* e de criação, Winnicott elegerá o objeto transicional nele situado. Lacan, em sua carta a Winnicott, situa o objeto transicional: "esse objeto, cujos méritos mostrei aos meus, não indica o lugar onde se marca precocemente essa distinção do desejo em relação à necessidade?".[9] Ou seja, o objeto transicional se situaria no entre, no hiato, na separação entre o desejo e a necessidade. Assim, nessa perspectiva psicanalítica, o desejo não emerge em continuidade com a necessidade, comparecendo como diferença radical. Em *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise*, Lacan aborda o *das Ding*, antecedente lógico e teórico do objeto *a*, definido como espaço vazio de representação e constitutivo do objeto. E é nesse lugar vazio que Lacan situa o objeto *a*, que ele mais tarde denominará causa de desejo. Ainda em *O seminário – livro 4*, no entanto, ele afirma que a relação central de objeto é a falta de objeto simbolizada pelo falo.

[9] Lacan. Lettre à Winnicott (1985, p.9)

Já o objeto transicional, segundo Winnicott, tem por função o preenchimento do vazio: "Os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser".[10] Todo esse processo que acabamos de descrever, e que nos interessa de perto, permite fazer uma aproximação com as duas operações de constituição da subjetividade na teoria lacaniana, a alienação e a separação. A partir do investimento, ao mesmo tempo da imagem e da palavra, acompanhado de um olhar desejante, ou ainda do desejo do Outro parental, o sujeito se constitui e se reconhece como tal. Somente a partir da introdução de um significante primordial, inaugurando o campo do sujeito e vindo do campo do Outro, é que o sujeito doravante constituirá sua cadeia significante. Não há separação sem alienação; não há, retomando a dialética hegeliana, senhor sem escravo; não é possível a desilusão sem a ilusão. Entretanto, para Winnicott, esse espaço deve ser preenchido por um *falso-self*, ao passo que, para Lacan, o espaço, o vazio deixado pelo afastamento de *das Ding*, desse Outro primordial, deve permanecer vazio, e é aí que se introduz, para ele, a criação. O objeto na doutrina freudiana em continuação com a lacaniana é um objeto que, por sua natureza, é um objeto re-encontrado. No *só-depois* de sua perda é que ele é re-encontrado, por meio de reencontros e reachados. "A Outra coisa é, essencialmente, a Coisa"[11]. Mais adiante, Lacan completa com o exemplo do vaso, sendo um "objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada... cria assim como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo"[12].

Sabemos que Freud, ao abordar o narcisismo, situa o lugar fantasmático da criança no desejo do Outro: "*his majesty the Baby*". Frase que representa o inconsciente da criança "rainha" reaparecendo renovado nos filhos: "a criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe".[13] Aqui está o exemplo do fantasma de completude, de perfeição que fundamenta a ilusão de completar-se no Outro, mas que também situa, paradoxalmente, a dimensão da perda, da nostalgia do olhar materno, do objeto perdido. *His Majesty the Baby*, a imagem, *i(a)*, recobrindo o objeto faltante.

Como pensar na psicanálise de criança a relação com o objeto e, principalmente, o objeto em sua face de falta? Pode-

[10] Winnicott. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (*op. cit.*, p.402).

[11] Lacan. Da criação *ex nihilo* (1959-1960/1988, p.149).

[12] *Ibid.*, p.153.

[13] Freud. Introdução ao narcisismo (1914/1977, p.108).

mos pensar no lugar que a criança ocupa no desejo do Outro materno, seguindo o texto Duas notas a Jenny Aubry: "a criança realiza a presença disto que Lacan designa como objeto *a* na fantasia". Como um sujeito realiza um objeto na fantasia do Outro? Lacan diz que o sujeito como rolha, fazendo-se objeto, torna impossível o acesso da mãe à sua verdade.

Na abertura de *Escritos*, Lacan afirma que o objeto responde ao estilo do sujeito, e tal é seu ensinamento da psicanálise: em um primeiro momento, o objeto serviu ao mesmo tempo, na diacronia do sujeito, como causa de seu sintoma; na sincronia de sua história, o sujeito o utilizará para escrever seu *sinthoma*: outra causa lhe é oferecida em seu horizonte, o objeto tornando-se um objeto que responde ao estilo do sujeito e que causa seu desejo como sujeito dividido. Não se trata mais de um objeto vestido de uma imagem, de uma imagem que fascina ou, ao contrário, causa horror ao sujeito, e sim da escrita desse objeto; não se trata mais de uma imagem, e sim de uma causa. A escrita surgida de um "limite lógico do que do simbólico se anuncia como impossível, é daí que o real surge"[14].

[14] Lacan. *O seminário: R.S.I. (1974-1975)* (inédito: aula de 13 de maio de 1975)



referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1914) Introdução ao narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1977. Vol. XIV.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 4: a relação de objeto (1956-1957).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. Da criação *Ex Nihilo.* In: *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise (1959-60).* Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário: R.S.I. (1974-1975):* aula de 13 de maio de 1975. Inédito.

LACAN, Jacques. Lettre à Winnicott. *Ornicar?* Paris, n. 33, p.7-10, 1985.

WINNICOTT, Donald W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *De la pédiatrie à la psychanalyse.* Paris: Payot, 1969.

WINNICOTT, Donald W. (1971a) O destino do objeto transicional. In: *Explorações psicanalíticas.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, Donald W. (1971b) O valor da ilusão e os estados transicionais. In: *Natureza humana,* Rio de Janeiro: Imago, 1990.

resumo

Nos anos 1956-57, Jacques Lacan estudou os três níveis da falta de objeto na estrutura do sujeito humano. Já antes, entre os anos 1949-51, Donald Winnicott escrevia artigos sobre o tema *O traumatismo do nascimento e suas angústias*, bem como sobre *o Objeto transicional e os fenômenos transicionais*, publicados posteriormente em seu livro, fazendo um percurso de sua carreira que vai *Da pediatria à psicanálise*. Sabemos a importância dada por Lacan à descoberta do *objeto transicional* na elaboração e na invenção do conceito do objeto *a*, o objeto causa de desejo. Esse objeto, segundo Winnicott, permite a transição de uma relação a partir da criação de um espaço na experiência entre o bebê e a mãe; não se trata de um objeto interno ou externo, mas antes de um objeto situado no espaço "entre-dois" – entre um sujeito a advir e um outro materno.

abstract

During the years 1956-57, Jacques Lacan studied the three levels of lack of object in the structure of the human subject. Previously, between 1949-51, Donald Winnicott was writing his articles on the topics of *Birth Trauma and Anxiety* and also *The Transitional Object and Transitional Phenomena*, both later published in the book detailing his passage *From Pediatrics to Psychoanalysis*. We know that discovery of *The Transitional Object* was of great importance in the elaboration and invention of Lacan's concept of object *a*, the object which causes desire. According to Winnicott, this object allows transition to occur in a relation by creating a space in the experience between mother and baby. Neither an internal nor external object, it exists rather in a space in-between – between a self that is becoming and a maternal other.